



A sala de aula nos dias atuais

Por Célia Maria Corrêa Pereira

Viver nos dias atuais, conforme exigências da sociedade e, principalmente, do ambiente de trabalho, tornou-se uma relação de compromisso e de intimidade com a sala de aula. A escola já não é uma aspiração daqueles que sonham com um diploma de curso superior, mas uma obrigação de todos os cidadãos, independentemente de raça, cor, crença, sexo e até mesmo de idade. Crianças, jovens, adultos ou idosos caminham, cada vez mais, para as salas de aulas, como um ritual indispensável à sobrevivência humana em busca de sólidos conhecimentos e de base para uma formação integral.

Para muitos, voltar à escola é atender à convocação de uma realidade que se lhes impõe como irrefutável condição para que possam sentir-se aceitos e ambientados na sociedade.

A sala de aula de hoje já não é a mesma de anos passados. Muita coisa mudou. Nem mesmo o quadro-negro resistiu às pressões das novas tecnologias e práticas de ensino. Computadores, vídeos, filmes e outras ferramentas completam o ambiente e tomam os espaços de longas exposições orais, substituindo-as por apresentações que retratam realidades do aqui e agora.

Verdades antes consideradas inquestionáveis são colocadas à prova em diálogos interceptados por

indagações ou contestações. Professores já não se sentem, arrogantemente, exclusivos donos do saber, porque, capacitados por sábios ensinamentos emanados do educador Paulo Freire, reconhecem bagagens repletas de informações, vivências e dúvidas dos seus alunos.

A aula vem se tornando um momento para a reconstrução do conhecimento através dos mais diversificados e atrativos recursos didáticos e de expressão de linguagens, tais como: exposições, oficinas, debates, relatórios, tutoria, trabalhos de equipe, pesquisas de campo, teatros, dentre outros, que permitem ao aluno desenvolver, de forma livre e criativa, a sua autonomia.

Ainda assim, muita coisa há de ser construída nos espaços de convivência aluno/professor, porque alguns velhos paradigmas resistem no tempo e no espaço, como se quisessem condenar direitos e conquistas (ainda que desorganizados) da nova realidade e lançar perguntas inquietantes a todos que lidam com o fenômeno. A escola vai além da sala de aula, para ser objeto de análise e de demanda de sua profissionalização, para melhor atender os que dela fazem uso (clientes) a partir do seu portão de entrada.

O ambiente conservador dá lugar a um palco, com espaço e ritmo para que novas idéias se apresentem

mutantes' e se movimentem num encantamento contínuo e cúmplice entre atores e platéia, até que todos se interajam e se complementem no espetáculo da aprendizagem e da alegria da convivência.

A relação professor-aluno, de fria e autoritária, passa a ser mais direta entre as partes, de modo que o ensinar/pesquisando e ouvindo seja tão evidente quanto o aprender/fazendo através de processos que integram professores, alunos e colegas numa relação que não dispensa textos, materiais informativos diversos, brincadeiras audiovisuais e virtuais de mundos distantes e bem diferentes da escola.

Uma aula já não se limita à transmissão de específico conhecimento na área de formação profissional. Ela se reveste de forma didática, política, ética, estética e, portanto, combina conhecimento científico com literatura, artes, música, figura, expressão corporal, tecnologia, educação, geografia e história, gosto, sentimento, prática, e tantas outras formas de expressão da vida numa extensa rede interconectada nos campos de saberes multidisciplinares. A interdisciplinaridade se faz urgente.

A sociedade quer uma sala de aula propícia ao labor criativo e investigativo, de forma a permitir que todos os atores, conscientes e estimulados por elementos fundamentais para o exercício do entendimento e da interpretação, façam-se operários numa contínua construção e na reconstrução do conhecimento. Um cenário que não pode perder de vista a identidade cultural e a pluralidade de significados que cada um acumula na sua história pessoal, porque a identidade cultural, em suas diferentes formas de expressão, cria a base para o exercício da cidadania.

O entendimento e a interpretação de informações e expressões levam os envolvidos a reconhecer valores, tradições, lembranças, limitações e possibilidades de uma sociedade, em comparação com a sua própria identidade para a valorização do presente. Daí, a concepção de que todo o trabalho escolar se concentra numa prática social, num contexto histórico e na realidade curtida de um lugar. Portanto, os textos e todos os materiais de estudos passam a ser reconhecidos na pluralidade de sentidos e de investigações como cúmplices na formação do caráter pessoal e profissional.

É nessa perspectiva de interpretação, principalmente no que se refere à utilização de materiais instrucionais, como textos, figuras, recortes e tantos outros, que a memória e as vivências estimuladas podem levar o estudante a criar significados e, por conseguinte, a assumir novo posicionamento frente à realidade

que tem a enfrentar. Pode levá-lo a se tornar agente construtor de sua história, definir o seu preparo e disposição para a vida e, conseqüentemente, fazê-lo criador de uma nova sociedade.

Cabe à sala de aula, no entanto, estabelecer uma metodologia dialógica e plural, em face dos diferentes olhares e da base teórica que se configura entre alunos e professores, alunos e colegas no bojo de processos capazes de combinar:

- estímulo para descobertas; identificação, investigação e avaliação;
- contextualização de temas em estudo; contextualização da situação-problema;
- identificação, decodificação e interpretação de fenômenos;
- reconstrução de significados e de sentidos para o passado, presente e futuro;
- exploração e apropriação simultâneas do quantitativo e qualitativo;
- expressão de descobertas e de resultados (temporários);
- aceitação e disposição para mudanças.

Todo o instrumental da aula deve permitir uma relação de reciprocidade entre o aprendiz, o objeto de estudo e o meio que os cerca. Em decorrência, a produção e a utilização de textos e de todos os materiais orientadores devem exprimir qualidade e organização, direcionadas para garantir interesse e sinergia no cotidiano dos estudos. As descobertas e o conhecimento gerado devem ser tratados sob o enfoque da transformação, sob a ótica da diversidade e da emancipação, da não linearidade, da não finitude das coisas.

A sala de aula, nessa perspectiva, passa a ter novo esboço, diferente das estruturas formais e conservadoras do ensinar e do aprender de alguns anos passados, para avançar em propostas participativas, nas quais a manifestação dos saberes resulta da interação teórico-prática, caótica, reconstrutiva e elástica. Daí a necessidade de estudos de casos, de simulações de situações-problema, de visitas técnicas e de outras diferentes práticas que levem o estudante a chegar e a sentir, mais próximo de si, a realidade que irá enfrentar na sua carreira profissional. •

Célia Maria Corrêa Pereira é mestre em Engenharia de Produção, graduada em Administração de Empresas e História e professora na Anhanguera/Fabrai - BH.

www.anhanguera.edu.br